

A LITERATURA DO EXÍLIO

Ana Lúcia Silva Resende de Andrade Reis (UFSJ)

analuciareseende@gmail.com

Egle Pereira da Silva (UFRJ)

eglesilva@hotmail.com

RESUMO

A literatura que é produzida no exílio abre para o escritor uma constelação vocabular que ilustra a problemática do exilado. Nesta questão fica nítido o quanto o exílio dói, o quanto as palavras que estão associadas a ele trazem sofrimento e caotizam o cotidiano. Retirando do escritor a noção de pertencimento, a sensação de origem, a distância dos lugares que nos evocam como referencial (*locus*). O estudo da literatura do exílio é a análise de situações díspares, contraditórias e que mostra ao escritor uma nova rede de conexões e possibilidades que só se realizam através do distanciamento e da ruptura com seu lugar de origem. Assim o exilado se torna um indivíduo errante que sofreu uma fissura aguda, contrariando a ordem e abrindo lugar para o sentimento de rejeição que se instaura. É preciso registrar três conceitos que estão presentes na produção exílica e interferem de forma latente nas obras: identidade, literariedade e geograficidade. E é no limiar entre ficção e realidade que vão se instaurar as mais originais obras produzidas nestes entrelugares: lugares insólitos, que participam de dois mundos, que são lugares de desestabilização. São os chamados espaços heterotópicos, onde os sujeitos perdem suas características topológicas e se tornam sujeitos diaspóricos. O exílio presta ao exilado para o autoconhecimento; pois, no afastamento, encontra a valorização da própria identidade. Tendo como suporte as filosofias de Giorgio Agamben, Jean-Luc Nancy e Edward Said, a presente mesa-redonda pretende discutir e analisar o tema da literatura produzida na condição de exilado.

Palavras-chave: Literatura. Exílio. Geograficidade. Literariedade. Identidade.

A literatura criada no exílio nos abre uma gama de abordagens bastante ampla.

Vamos optar por fazer um recorte e priorizar a avaliação do sentimento de deslocamento dos autores que se encontram distantes de seus territórios. A questão da desterritorialização vai se refletir amplamente na escrita e nas obras como produto da ausência física da Pátria Natal. Ao criar suas obras distante de tudo que lhe é caro, o autor se vale do recurso da valorização do seu lugar de origem e que está sendo utilizado apenas pela possibilidade de ser visto de fora, de longe com distanciamento.

Este olhar de “estrangeiro” sobre a própria pátria o levará a enumerar em seus textos toda a sorte de reminiscências possíveis, ou seja, os

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

sons, os cheiros e pequenos fatos cotidianos em terras alheias podem remeter a terra natal.

Desde a Antiguidade e por motivos diversos inúmeros autores foram levados ou optaram pelo exílio. Há uma grande diferença entre o exílio escolhido e o exílio imposto.

Para alguns deles esta opção podia ser considerada pior que a morte, pois significava a perda dos direitos políticos e de cidadão. Sem estes continuava tendo direito à vida, mas passaria a viver à margem como um clandestino. Quando cai sobre o homem a pecha do exílio, recai sobre ele a marginalização e tem abalada a noção de pertencimento ao seu lugar de origem. É exatamente o que acontece na vida de um exilado que perde sua rotina em um corte abrupto que provoca uma ruptura.

O estudo do exílio é praticamente o estudo das situações díspares e contraditórias o perto e o longe, o lá e o cá. A importância do tema não está ligada apenas a literatura, este gera uma rentabilidade a todas as artes que pode explorar diversas vertentes.

O tema pode ser abordado por inúmeras perspectivas presentes em sua constelação vocabular expressa através de palavras como: desterro, degredo, banimento, ostracismo, expatriação, expurgo, diáspora, desterritorialização, desenraizamento, relegação, deportação, proscricção, transplantação, afastamento, asilo etc. Cada uma destas perspectivas abre uma linha de pesquisa que pode levar a diferentes abordagens, mas, de certa maneira cada uma delas está presente na condição do exilado.

É importante também registrar o aspecto mais subjetivo deste processo, que é o aspecto ligado ao psicológico e se manifesta na depressão, na melancolia e no negativismo. Este estado de espírito descreve a fisiologia do exilado que possui significados diferentes em várias línguas: temos o *mal du pays* em francês; a *soledad* em espanhol; o “banzo” em crioulo; *homesickness* em inglês; *ergá* em hebraico, entre outros. Expressões vinculadas à ideia de perda e desarraigamento.

A todo exílio corresponde um *Nóstos*, (nostalgia) uma volta ao seu lugar de origem. E o exilado está sempre querendo voltar e idealiza seu retorno ao lar, a dor de querer voltar para casa ou a dolorosa obsessão do retorno. Este objetivo é que o mantém sempre em marcha. Na literatura Latina o grande degredado é Ovídio, rico, talentoso, bem casado, Ovídio cai no desagrado do rei. Sem justificação nem explicação, é desterrado da Itália e confinado na região do Ponto Euxino, às margens do Mar Negro.

Ao que se comenta o móvel da punição seria a *Ars amatoria*, seria então Ovídio o primeiro poeta condenado a desterro pela censura. Se dirige diretamente a Augusto, no livro II, e sugere a este a leitura de sua Arte, e que se o fizesse não veria ali qualquer crime.

Mas aqui vale apresentar um adendo: Ovídio não foi condenado ao *exilium*; fixou-lhe residência perpétua, de onde era proibido de se afastar, sem perda dos direitos de cidadão e do direito de testar. Trata-se assim da pena de *relegatio*, cominada *in perpetuum*.

Ao ser enviado a um lugar tão distante e inóspito o poeta lamenta a perda do direito de permanecer em sua terra natal, como podemos ver em um fragmento “nos confins do universo” (*Tristes*, I, I, 128). A distância agrava o sofrimento. A privação dos bens inerentes à cidadania, comuns a todos os exilados, são mais acerbos numa paisagem que, além de adversa, nada apresenta de familiar ao exilado (*Tristes*, III, 10, 75-78). Neste cenário de isolamento e completamente desgarrado de sua terra ela continua a escrever suas obras e sobre elas diz: “Tristes são os versos de poesia do exilado”.

Nosso propósito é conhecer as fábulas e tramas com ênfase no exílio. Pensando a correlação entre o tema e a mimesis. O exílio é um tema filosófico e político que se transforma em poético, como uma espécie de purgação.

Dentro de uma tradição poética consolidada Ovídio se utiliza das metamorfoses para explicar a plasmação, é o que resulta do trabalho de fabricar o que antes não tinha existência no mundo da arte. O poeta como bom fingidor usa as mãos para moldar sua obra literária. Uma obra literária pode ser tão autêntica quanto à realidade. E é neste limiar ficção/realidade que vão se instaurar as mais originais obras.

É nestes lugares que são insólitos, que são entrelugares, *in bitween*, que participam de dois mundos e são lugares de desestabilização, considerados espaços heterotópicos, pois perdem suas características topológicas e os sujeitos que aí transitam passam a ser sujeitos diaspóricos.

O autor que se encontra neste estado psicológico vai se tornar o criador de obras que irão traduzir sua condição de exilado que vive em constante estado de mitigação no mar da odisseia e enfrenta vicissitudes que se tornarão o alimento de sua inspiração. E a metáfora do exílio proporciona a esse autor muitos benefícios para sua criatividade.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Ulisses é um emblemático personagem da *Odisseia* de Homero que passa por diferentes condições de exílio. Quando a obra se inicia ele já é um exilado aprisionado por Calipso na Ilha Ogígea por 07 anos, onde passa a ser considerado o senhor. Mas é alguém que não tem identificação com os lugares onde está. Quando finalmente retorna a Ítaca vê encerrada a errância geográfica. Termina a andança. Mas não há o apaziguamento em sua alma.

Ulisses é um tipo de herói muito claro na *Odisseia*, ele é o homem do caminhar, da busca, quanto mais ele busca mais se distancia de sua origem. Ele é a representação do estar fora. É emblemático desta transitoriedade existencial que se manifesta no exílio ao se adquirir uma estranheira temporária. Esse herói na sua errância, que é um errar singrando os mares, é a metáfora do caminhante que tem o horizonte como meta. No tempo ele tem a memória no horizonte o caminho.

O exílio só presta para o exilado para o autoconhecimento, no afastamento se dá a valorização da própria identidade. O exilado passa a ser um outsider.

Nesta condição é que se encontraram vários escritores, longe de suas terras, privados do convívio com seus entes queridos, afastados de suas referências e que produziram importantes e relevantes obras que contribuíram para enriquecer os estudos sobre o tema. A única forma de resistir ao estar longe de tudo e suportar todas as privações é escrever, disto não podem se distanciar. As obras criadas nesta condição de rompimento respondem pelos exilados escritores e pela tentativa de lançar mão da purgação de toda a angústia pungente em suas criações.

A literatura do exílio não apregoa bem-aventuranças nem levanta bandeiras ideológicas, mas sim relata questões e situações concretas diante do conhecimento e da experiência do infortúnio.

Para ampliar a abordagem do tema tomaremos como ilustração exemplos de escritores que estiveram na condição de exilados e contribuíram para a temática com obras referenciais.

Assim podemos citar Dante que foi julgado à revelia, pois encontrava-se em Roma, em missão junto a Bonifácio VIII, incorre em multa e exílio por dois anos. Apesar de tudo, cultiva a esperança do retorno. Orgulhoso, altivo, seguro de si, mantém intacta a altivez. Publicada a sentença em 10 de março de 1302, tinha início para ele o tempo do exílio. Tempo de incertezas e de angústia.

No exílio refugia-se no estudo e dá prosseguimento a composição do *Inferno*. A redação do *Purgatório*, concluída em Luca, deve ter sido começada em Paris. Em 1315 os governantes em Florença estendem a seus filhos, condenados à revelia, a pena de morte. Verona e Ravena se manifestam prontamente à arbitrariedade florentina: as duas cidades fazem ao autor oferecimentos oficiais de residência e proteção. A partir de 1318 Ravena torna-se seu domicílio e lá entre 13 e 14 de setembro de 1321 a morte assinalou como definitivo o seu destino.

Se *Tristium*, de Ovídio, é o clássico do exílio, Dante é o exilado – *exul inmeritus*. Embora não tenha se entregado aos males da ausência.

Citaremos agora outro expoente: Conrad. Aclimado na Inglaterra, casado com uma inglesa, pai de dois súditos da Coroa, apreciado elido nos quatro cantos da terra como escritor de língua inglesa, *Conrad* jamais conseguiu livrar-se do complexo de hóspede em terra alheia – o que se convencionou chamar de *alien complex* – nem exorcizou o sentimento de culpa que o atou à lembrança da Polônia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Trad.: José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Edigraf, 1958.

ANDRADE, Clara de. *O exílio de agosto Boal*: reflexões sobre um teatro sem fronteiras. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

BOAL, Augusto. *Murro em ponta de faca*. São Paulo: Hucitec, 1978.

BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Trad.: Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia*. A Idade da fábula. Histórias de deuses e heróis. Trad.: David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1965.

BURELLO, Marcelo G.; ROMANDINI, Fabián Ludueña; TAUB, Emmanuel. (Eds.). *Políticas del exilio*. Orígenes y vigencia de um concepto. Buenos Aires: Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

HOMERO. *Odisseia*. Trad. e prefácio: Carlos Alberto Nunes. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

JOYCE, James. *Ulisses*. Trad.: Antonio Houaiss. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

KAZANTZÁKIS, Nikos. *Odisseia*. Trad.: Miguel Castillo Didier. Santiago de Chile: Tajamar, [s./d.?).

NANCY, Jean-Luc. La existência exiliada. *Archipelago*: Cuadernos de Crítica de la Cultura, n. 26-27, Barcelona, invierno 1996.

PRETE, Antonio. *Nostalgia Storia de um sentimento*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 1992.

QUEIROZ, Maria José de. Os males da ausência, ou a literatura do exílio. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

RAMOS, Oscar Gerardo. *La odisea*: um itinerário humano. Bogotá: Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo, Series Minor, XI, 1970.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: companhia das Letras, 2003. P.46-60.

VERNANT, Jean Pierre; Vidal-Naquet, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. Trad.: Anna Lia A. de Almeida Prado, Maria da Conceição M. Cavalcante e Filomena Yoshie Hirata Garcia. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *O mundo de Homero*. Trad.: Jônatas Batista Neto. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.